



**ORGULHO E TRAGÉDIA EM A SAGA DE KORMAK:
UM BREVE ESTUDO**

Tiago Quintana¹

Resumo:

A proposta deste artigo é reinterpretar a obra *A saga de Kormak* como sendo não apenas uma saga nórdica, mas também uma tragédia, isto é, uma realização do signo cultural do trágico tal como os gregos o compreendiam.

Palavras-chave: Tragédia, *hybris*, Kormak, saga

Abstract:

The purpose of this article is to reinterpret the work *Kormak's saga* as not only a Norse saga, but also as a tragedy, that is, an execution of the cultural sign of tragedy such as the Greek understood it.

Keywords: Tragedy, *hybris*, Kormak, saga

I. INTRODUÇÃO

O gênero da tragédia possui uma incrível longevidade, tendo se manifestado ao longo do tempo em diversas formas de apresentação, como o teatro (onde se originou), o romance, a ópera e, nos tempos modernos, o cinema. Não é apenas na tragédia que o trágico se manifesta, no entanto; na verdade, antes mesmo do surgimento da tragédia como um gênero artístico, os elementos que seriam classificados coletivamente como “trágico” já existiam em gêneros antigos, como a poesia épica.

¹ Autor, dentre outros trabalhos, da tradução *A saga de Hedin e Hogni* (disponível em http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/A_saga_de_Hedin_e_Hogni_Tiago_Quintana.pdf) e da tradução *O conto de Norna-Gest* (disponível como o 13º capítulo do livro *Escandinávia Medieval*, à venda em https://www.agbook.com.br/book/136592--Escandinavia_Medieval).

Apesar da popularidade e disseminação do trágico, muitas obras trágicas não são reconhecidas como tal pela crítica literária moderna por não se apresentarem sob uma roupagem ortodoxa, ignorando sua função em favor de sua forma. Como as sagas nórdicas, por exemplo; apesar de cobrirem uma variedade de gêneros literários, poucos as estudam do ponto de vista da realização do trágico, e quando o fazem, normalmente é para desconsiderar os elementos comuns entre as sagas e as tragédias como semelhanças superficiais.

Neste artigo, a proposta é fazer um breve estudo sobre a realização do trágico na *Kormáks saga* (“A saga de Kormak”, ainda sem tradução para o português) para demonstrar que a saga pode ser classificada como uma obra trágica plena, e não apenas como uma obra com elementos trágicos - isto é, que o trágico é essencial ao entendimento da obra, não incidental. Dizemos “breve” porque este artigo tem como propósito apenas apresentar o tema, que é estudado mais profundamente no livro *Orgulho e tragédia em A saga de Kormak* (à venda em http://www.agbook.com.br/book/53544--Orgulho_e_Tragedia_em_A_saga_de_Kormak), onde é feito um estudo comparativo da realização do trágico na *Kormáks saga* e na peça grega *Édipo rei*.

II. AS SAGAS NÓRDICAS

As sagas nórdicas eram histórias sobre deuses, heróis e antepassados da cultura nórdica. Produto de uma cultura oral, foram compostas entre os séculos VIII e XII, mas só foram escritas a partir do século XII, na Islândia. Escritas em prosa em islandês medieval, mas em sua maior parte baseadas em histórias orais em nórdico antigo originárias da Escandinávia; antes de serem registradas por escrito, essas histórias eram compostas para serem narradas por *skalds*.²

Estilisticamente, em contraste com seu material de origem, as sagas tinham uma narrativa clara, concisa e objetiva. Podem ser classificadas de acordo com sua temática: as principais são as sagas de reis, ou *konungasögur* (“histórias de reis”, em uma tradução livre), que narram a vida e os feitos de reis nórdicos; as sagas das famílias, ou *íslendingasögur* (“histórias de islandeses”), que narram eventos centrados ao redor de certas famílias e indivíduos ocorridos na Islândia entre os séculos X e XI; e as sagas

² Poetas e contadores de histórias nórdicos. Normalmente, *skald* é traduzido para o português como “escaldo”; porém, por razões estilísticas, mantivemos o uso do termo original.

heróicas, ou *fornaldarsögur* (“histórias de tempos distantes”), que narram histórias lendárias repletas de elementos fantásticos e mitológicos.

Exemplos de sagas são a *Heimskringla*, uma crônica sobre os reis da Noruega desde a mítica linhagem dos Ynglings; a *Egilssaga Skallagrímssonar*, uma saga sobre os feitos e as desventuras do herói islandês Egil Skallagrímsson; e a *Hervarar saga ok Heidreks*, uma saga sobre a espada amaldiçoada Tyrfing e a ruína que ela traz à linhagem do rei Sigrlami.

A *Kormáks saga* é uma *íslendingasaga*: ela fala da vida de Kormak Ogmundarson, um *skald* islandês que teria sido um poeta da corte do rei Harald Capa Cinzenta (Harald II da Noruega) e Sigurd Haakonson (governante de Trondelag e Halogaland, regiões da Noruega), e de sua paixão frustrada por Steingerd.

III. A SAGA DE KORMAK

Kormak é filho de Ogmund (um viking³ renomado) e Dalla. Enquanto Thorgils, seu irmão, é calmo e quieto, Kormak possui um temperamento agressivo. Quando os irmãos já estão crescidos, Ogmund morre, e Dalla passa a cuidar da casa e das terras com os filhos.

Certo dia, enquanto pastoreia ovelhas, Kormak chega em Gnupsdal, onde vivem Thorkel e sua filha, Steingerd. Kormak e Steingerd se apaixonam, e ele passa a visitá-la com frequência, apesar de sua mãe alertá-lo de que há uma grande diferença social entre ambos e que essa relação não terminará bem se Thorkel a descobrir.

Thorkel realmente mostra-se contrário à presença de Kormak e combina com Odd e Gudmund, filhos da feiticeira Thorveig, para que o embosquem; Kormak, no entanto, prevalece e mata os dois. Depois, ele expulsa Thorveig de suas terras, dizendo que não lhe pagará a compensação devida pela vida de seus filhos. Ela o amaldiçoa, dizendo que ele jamais terá Steingerd, mas ele zomba dela e de sua maldição.

Kormak faz as pazes com Thorkel e marca seu casamento com Steingerd. No entanto, graças à magia de Thorveig, ele perde o interesse e não aparece no dia marcado para o próprio casamento. A família de Steingerd considera isso um insulto e a casam com Bersi, famoso guerreiro e duelista. Quando descobre isso, Kormak, Thorgils e mais alguns

³ Um pirata, saqueador, explorador e mercador de origem nórdica. Ao contrário da concepção popular, nem todo nórdico era um viking; ser um viking significava, especificamente, engajar-se nessas atividades. Por razões estilísticas, preferiu-se usar a tradução corrente “viking”, em vez da tradução mais antiga “viquingue”.

homens perseguem a comitiva de Bersi, mas só os alcançam muito tarde, quando eles já retornaram às terras de Bersi e reuniram mais guerreiros, impedindo-os de reaverem Steingerd à força. Bersi oferece sua irmã como esposa para Kormak como compensação, mas este não apenas a recusa, como também desafia Bersi para um duelo.

A partir daí, a saga mostra diversos outros episódios na vida de Kormak: ele pede emprestada a espada encantada Skofnung a Skeggi para seu duelo com Bersi, mas não tem a paciência necessária invocar sua magia e perde o duelo por pouco; seu tio, Steinar, vence Bersi em outro duelo; Steingerd separa-se de Bersi e casa-se com Thorvald Bate-Folha,⁴ um *skald* e ferreiro de grande riqueza, mas mesquinho e maldoso; ele e seu irmão conquistam glória como vikings e tornam-se amigos do rei da Noruega, o rei Harald Capa Cinzenta; Thorvald e seu irmão, Thorvard, difamam-no; ele duela duas vezes com Thorvard e vence em ambas as ocasiões, conseguindo dois anéis de Steingerd como resgate; rouba dois beijos de Steingerd, pelos quais ele paga devolvendo a Thorvald os anéis dela; salva Thorvald e Steingerd de vikings e os ajuda a chegar em segurança à Noruega; e, já na Noruega, rouba mais quatro beijos de Steingerd e é novamente forçado a pagar por isso, desta vez com ouro.

Em certo momento, durante uma batalha na Pérmia,⁵ Kormak acerta Thorvald com seu remo e o deixa inconsciente, mas Steingerd assume o comando do navio de seu marido e o choca contra o navio de Kormak, emborcando-o. À noite, no entanto, os dois – Kormak e Steingerd – bebem juntos da mesma taça, reconciliados.

Thorvald então veleja até a Dinamarca com Steingerd. Um pouco depois, Kormak e Thorgils também viajam para lá. Eles encontram Thorvald, que havia sido atacado por vikings; seus bens haviam sido roubados, e Steingerd, sequestrada. O líder dos vikings era Thorstein, filho de Asmund, inimigo do pai de Kormak.

Thorvald não tem como resgatar Steingerd, mas Kormak, junto com seu irmão, rema até o navio de Thorstein, aproveitando que a maior parte da tripulação estava em terra. Kormak mata o homem que havia recebido Steingerd como espólio e a leva de volta com ele. Thorvald então diz para Steingerd ir com Kormak, pois ele havia feito por merecê-la. Ela mesma, no entanto, se recusa. Kormak finalmente resigna-se, aceitando que

⁴ Referência à profissão de ferreiro do personagem. Na tradução para o inglês de Collingwood e Stefansson, ele é chamado de *Thorvald the Tinker*, isto é, Thorvald, o Latoeiro; na de Hollander e na de McTurk, *Thorvald Tinteinn*; e no original, *Thorvaldur tinteinn*.

⁵ Região correspondente à atual região administrativa de Perm, na Rússia.

seres malignos e o destino os separaram há muito tempo, mas ainda assim expressa a raiva que sente por Steingerd em um poema.

Depois disso, Kormak e Thorgils fazem muitas outras expedições, conquistando grande glória. Em uma dessas batalhas, Kormak é ferido mortalmente. Em seu leito de morte, ele passa todos os seus bens para Thorgils, bem como os serviços de seus comandados, e morre, lamentando-se por seu destino. Thorgils prossegue sua vida como um viking de sucesso.⁶

IV. A REALIZAÇÃO DO TRÁGICO NA SAGA DE KORMAK

A tragédia, em sua essência, é um enredo que suscita a piedade e o terror a fim de obter a purgação ou catarse (*cátarsis*) dessas emoções. Esses sentimentos são provocados quando o herói trágico sofre uma mudança ou reversão em sua fortuna (*metábasis*), passando da felicidade para o infortúnio não por causa de qualquer falha moral, mas sim por cometer um erro (*hamartía*) de grandes proporções, muitas vezes movido pelo orgulho excessivo (*hýbris*). Chama-se a isso – o provocar a piedade e o terror – de patético (*páthos*), isto é, o apelo às emoções do espectador.

Para se apelar às emoções do espectador, é importante que o herói trágico seja digno de admiração, pois desse modo, a piedade que sentimos por sua desgraça é proporcional à admiração que sentimos por sua pessoa; e por ser desprovido de perversidade, maior a infelicidade da queda que sofre e por isso maior é o terror que seu infortúnio nos provoca. No entanto, a desgraça deve se originar de um erro do protagonista; ela não pode ser arbitrária ou injusta, pois isso provocaria apenas revolta, não terror.

Kormak comete seu erro (*hamartía*) quando mata os filhos de Thorveig e se recusa a compensá-la por sua perda (“- E também não pagarei pelo sangue de seus filhos!”).⁷ As leis de compensação estão entre as mais antigas da Noruega (SAWYER: 1997, 126-127); elas eram tão importantes para os nórdicos que mesmo Kormak, apesar de ter declarado

⁶ Resumo feito com base nas traduções para o inglês da saga feitas por W.G. Collingwood e Jón Stefánsson (COLLINGWOOD, W. G. & STEFÁNSSON, Jón. *The life and death of Kormak the skald*. Nova York: Kessinger Publishing, 2004); por Lee M. Hollander (HOLLANDER, Lee M. *The sagas of Kormák and The Sworn Brothers*. Nova York: Princeton University Press, 1949. p. 3-72); e por Rory McTurk (MCTURK, Rory. Kormak’s saga. In: WHALEY, Diana. *Sagas of warrior-poets*. Londres: Penguin Books, 2002. p. 3-67).

⁷ “(...)and I will give no blood-money for thy sons.” (COLLINGWOOD & STEFÁNSSON: 2004, 11)

inimizade eterna a Bersi (“Kormak recusou a oferta, pois seria sempre seu inimigo”),⁸ paga a ele a compensação devida pelo duelo que perdeu. Mesmo na *Njáls saga*, Gunnar é emboscado e, após matar muitos dos atacantes, comenta com seu irmão: “Nossas bolsas ficarão bem vazias até pagarmos as reparações por todos os que jazem aqui mortos!”⁹

Kormak demonstra *hýbris*, um orgulho excessivo. Kormak se julga superior ao sobrenatural: ele despreza a maldição de Thorveig (“- Isso não está em seu poder, velha perversa!”)¹⁰ e zomba dos preparativos necessários para invocar o poder da espada encantada Skofnung (“- Você tem muitos truques à disposição, feiticeiro!”).¹¹ Contudo, ao longo da saga são apresentadas várias ocasiões nas quais a feitiçaria é concreta e influente: o pai de Kormak ouve uma profecia antes de enfrentar Asmund (“Helga, a filha do *jarl*¹² Fródi, tinha uma ama dotada de clarividência. (...) Ela previu que ele não sofreria nenhum grande mal”),¹³ Bersi possui um talismã que o permite recuperar-se rapidamente de ferimentos (“[Bersi] usava uma pedra curandeira no pescoço”),¹⁴ e Thorvard recebe proteção mágica de Thordis (“- Arma alguma irá cravar-se nele agora”),¹⁵ para citar apenas alguns exemplos. Até mesmo Kormak, quando acusado por seu irmão de ter desperdiçado sua chance com Steingerd, culpa a magia (“- Isso foi mais culpa de feitiçaria do que falta de constância minha”).¹⁶ Ainda assim, ele persiste em seu orgulho e recusa-se a aceitar a ajuda do sobrenatural, como quando ele desdenha da ajuda de Thordis para desfazer a maldição de Thorveig (“- Não acredito nessas coisas! - exclamou(...)").¹⁷

A outra falha trágica de Kormak é sua impetuosidade, demonstrada em vários episódios da saga: já no começo, a narrativa nos conta sobre seu temperamento agressivo (HOLLANDER: 1949, 14); sua mãe o alerta sobre a diferença social entre ele e Steingerd, e também que o pai dela não aprovará a união (“Dalla disse que havia uma grande diferença entre os níveis sociais deles; e, também, que ela não estava certa de que tudo

⁸ “Cormac said nay, for he meant to be his lifelong foe.” (COLLINGWOOD & STEFÁNSSON: 2004, 23)

⁹ “Our money purses will be well emptied by the time we have paid atonement for all those who lie dead here!” (BAYERSCHMIDT & HOLLANDER: 1998, 141)

¹⁰ “That’s not for thee to make or to mar, thou wicked old hag!” (COLLINGWOOD & STEFÁNSSON: 2004, 11)

¹¹ “Many are the tricks you have, you warlocks” (HOLLANDER: 1949, 32)

¹² Título de nobreza entre os nórdicos medievais.

¹³ “Earl Fródi’s daughter Helga had a foster-*other* who had second sight. (...) She foretold that no great harm would come to him.” (HOLLANDER: 1949, 13-14)

¹⁴ “[Bersi] wore an amulet (healing-stone) around his neck.” (HOLLANDER: 1949, 40)

¹⁵ “No weapon will bite on him now.” (COLLINGWOOD & STEFÁNSSON: 2004, 48)

¹⁶ “That was more the fault of witchcraft that [*sic*] any want of faith in me.” (COLLINGWOOD & STEFÁNSSON: 2004, 39)

¹⁷ “‘I believe nought of such things’, he cried (...)” (COLLINGWOOD & STEFÁNSSON: 2004, 49)

terminaria bem se Thorkel de Tunga soubesse disso”),¹⁸ mas ele ignora esse conselho; Skeggi o avisa que não conseguirá sucesso com Skofnung devido à sua natureza (“Skofnung é ponderada, mas você é impaciente e imprudente”);¹⁹ Bersi, em respeito à inexperiência de Kormak, sugere enfrentá-lo em um simples combate singular, sem seguir as complicadas regras que governavam o duelo (“Você, Kormak, desafiou-me para um duelo formal, mas proponho-lhe o combate singular. Você é jovem e pouco experiente, e o duelo é difícil, ao passo que o combate não o é nem um pouco”),²⁰ mas Kormak recusa. Essa falha está intimamente relacionada ao seu orgulho: Kormak, excessivamente seguro de si, não pondera suas ações.

Finalmente, a reversão da fortuna, *metábasis*. É inegável que Kormak sofre uma queda de uma grande altura: é de linhagem nobre, um *skald* (um ofício de prestígio, ainda mais porque sua arte, segundo as lendas, viera do próprio deus Odin),²¹ hábil com as armas (como prova disso, mesmo com a feitiçaria de Thordis protegendo Thorvard, Kormak venceu o duelo - “Finalmente, Kormak golpeou o flanco de Thorvard com tal força que suas costelas cederam e partiram; ele não conseguia mais lutar(...)”)²² corajoso e astuto (como visto quando ele conseguiu resgatar Steingerd da tripulação de Thorstein acompanhado apenas de seu irmão, COLLINGWOOD & STEFÁNSSON: 2004, 57); demonstra várias qualidades, enfim.

Quanto à profundidade de sua queda, Kormak sofre ao longo de toda a saga - a dor e a raiva por perder Steingerd (por exemplo, compondo um poema expressando sua infelicidade por Thorvald dormir aquecido e abraçado à Steingerd enquanto ele sofre com o frio, ou compondo um poema sobre o desejo e a saudade que sente por ela, COLLINGWOOD & STEFÁNSSON: 2004, 39-40), seus esforços constantes para recuperá-la (chegando mesmo a tentar raptá-la, COLLINGWOOD & STEFÁNSSON:

¹⁸ “Dalla said that there was a great social difference between them; also, that she was not sure whether all would go well if Thorkel in Tunga heard of it.” (HOLLANDER: 1949, 19)

¹⁹ “Skofnung is deliberate, but you are impatient and rash.” (HOLLANDER: 1949, 31)

²⁰ “You, Kormák, challenged me to the holm; but I propose single combat to you. You are a young man and little tried, and the holmgang is difficult, but the single combat, not at all.” (HOLLANDER: 1949, 33) Hollander fala ainda que não há evidência do *hólmganga*, o duelo formal, ser diferente do *einvígi*, o combate singular; no entanto, esta saga os apresenta como se houvesse, e nada nela leva a crer que a oferta de Bersi não é sincera.

²¹ O hidromel feito com o sangue de Kvasir, o deus que tinha o conhecimento de tudo, tinha o poder de conceder o dom da poesia a quem o bebesse. O deus Odin roubou esse hidromel do gigante Suttung e dividiu-o com os deuses e com os homens. Ver STURLUSON, Snorri. *Edda*. Londres: Everyman, 1995. p. 61-64.

²² “At last Cormac smote upon Thorvard’s side so great a blow that his ribs gave way and were broken; he could fight no more(...)”(COLLINGWOOD & STEFÁNSSON: 2004, 50)

2004, 54); a todo momento, Kormak tem plena consciência de que sofre. E mais: outros personagens o lembram de que é por sua própria culpa que sofre (como seu irmão: “- Agora você sempre fala dela, mas quando teve a chance não a quis”;²³ ou a própria Steingerd: “- Isso não acontecerá se eu puder evitar - você quebrou suas promessas de tal maneira que agora é melhor que perca as esperanças”).²⁴ Mais além: no final da saga, enquanto morre, Kormak declama versos para Steingerd, lamentando seu destino e uma morte que julga indigna (HOLLANDER: 1949, 71-72); esse trecho da obra, que vem logo depois de quando Kormak finalmente desiste de reaver Steingerd, tem como função demonstrar a profundidade da queda do protagonista.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por quê analisar uma saga islandesa do ponto de vista da realização do trágico? Qual é o objetivo ao se comparar duas literaturas tão distantes entre si, geográfica e temporalmente?

O propósito desta pesquisa não é provar que uma saga nórdica é igual a uma tragédia grega em sua estrutura narrativa, nem provar que ela possa conter o conflito trágico em sua essência (pois a literatura heróica também tem muitos exemplos desse conflito); mas sim provar que o desenvolvimento narratológico da *Kormáks saga* (e também de algumas outras, ainda que talvez apenas em episódios específicos) cumpre o mesmo propósito do enredo trágico: purgação de emoções e questionamento do indivíduo e da sociedade.

Quanto à distância espaço-temporal entre as duas literaturas, ela é menor do que parece a princípio. Embora se possa argumentar que o herói das sagas é “movido pela honra em um mundo simples e violento, repleto de perigos e forças maiores, sob a sombra do Destino”, e que portanto ele é mais parecido com um herói de Homero que um protagonista de Sófocles ou Ésquilo, também os heróis trágicos gregos se encaixam nessa descrição. Édipo não vive à sombra de sua sina, a de matar seu pai e desposar sua mãe? Orestes não mata a própria mãe para vingar o assassinato de seu pai a mando do deus Apolo?

²³ “You are always talking about her now, but when you had the chance you did not want her.” (HOLLANDER: 1949, 52)

²⁴ “That is not going to happen if I can help it - you broke off our engagements in such a fashion that now you had better give up all hope.” (HOLLANDER: 1949, 56)

A frase de Heráclito cabe perfeitamente ao se descrever os protagonistas das sagas: “o caráter de um homem é o seu destino”. À semelhança dos heróis trágicos, o conflito trágico das sagas sempre vem das decisões que seus heróis tomam, conscientes ou não das possíveis conseqüências. Essas decisões sempre são motivadas pelo excesso – de orgulho, de honra, de outras qualidades que em contextos diferentes são consideradas virtudes –, e é no excesso que se encontra a origem da tragédia.

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. Arte poética. *In: A poética clássica / Aristóteles, Horácio, Longino*. São Paulo: Editora Cultrix, 2005. p. 19-52. Traduzido para o português por Jaime Bruna.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. *In: BARTHES et al. Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1971. p. 19-60. Traduzido para o português por Maria Zélia Barbosa Pinto.

BAYERSCHMIDT, Carl F. & HOLLANDER, Lee M. *Njal's saga*. Londres: Wordsworth Editions, 1998.

CLOVER, Carol J. & LINDOW, John (ed.). *Old Norse-Icelandic literature: a critical guide*. Toronto: University of Toronto Press, 2005.

COLLINGWOOD, W. G. & STEFÁNSSON, Jón. *The life and death of Kormak the skald*. Nova Iorque: Kessinger Publishing, 2004.

HOLLANDER, Lee M. *The sagas of Kormák and The Sworn Brothers*. Nova Iorque: Princeton University Press, 1949. p. 3-72.

KORMÁKS SAGA. Disponível em: <http://www.sagadb.org/files/pdf/kormaks_saga.pdf>. Acesso em: 13/05/2013.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Editora Ática, 2007.

LESKY, Albin. *A tragédia grega*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

MELETÍSNKI, Eleazar. *Os arquétipos literários*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002. Traduzido para o português por Aurora Fornoni Benardini, Homero Freitas de Andrade e Arlete Cavaliere.

MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

ROMILLY, Jacqueline de. *A tragédia grega*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

ROSS, Margaret Clunies (ed.). *Old Icelandic literature and society*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2000.

TODOROV, Tzvetan. As categorias da narrativa literária. *In*: BARTHES et al. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1971. p. 19-60. Traduzido para o português por Maria Zélia Barbosa Pinto.

VERNANT, Jean-Pierre & VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008. Traduzido para o português por Anna Lia A. de Almeida Prado, Filomena Yoshie Hirata Garcia, Maria da Conceição M. Cavalcante, Bertha Halpem Gurovitz e Hélio Gurovitz.